



Gêneros do fotojornalismo e o deslocamento imagético na produção do *Jornal de Londrina: 1994 e 2011*¹

Lauriano Atílio BENAZZI²
UEL – Universidade Estadual de Londrina, PR

Resumo

O estudo traça um paralelo entre dois momentos do fotojornalismo do *Jornal de Londrina*, apontando o deslocamento imagético ocorrido em pouco mais de uma década. Com recortes temporais e análises de edições de 1994 e de 2011, a busca é o comparativo direto entre o alto valor informacional presente nas imagens oriundas dos primeiros anos do jornal e a estética artificial e cosmética, saturada de imagens construídas como peças publicitárias dos dias de hoje. Como vetores analíticos para o contraponto entre o passado recente e o presente foram aplicadas as ferramentas desenvolvidas pelo autor na dissertação *Fotojornalismo: taxonomias e categorização de imagens jornalísticas*, cujo objetivo é o desenvolvimento, com fins deontológicos, de uma classificação por gêneros das diversas nuances que envolvem o fotojornalismo brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: fotojornalismo; gêneros do jornalismo; fotojornalismo brasileiro; *Jornal de Londrina*.

Introdução

Partindo dos elementos taxonômicos estruturados pelo autor em outras pesquisas, o trabalho traça um comparativo da produção fotojornalística do *Jornal de Londrina* em dois períodos distintos: 1994 e 2011. A escolha do objeto se deu pois em seu primeiros anos, mesmo com poucas páginas, o jornal fazia frente ao concorrente *Folha de Londrina*, à época um veículo que cobria todo estado do Paraná. Crítico e com preço popular, o *JL*, como também é conhecido, passou por grande transformação editorial, transformando-se em gratuito, com circulação dirigida, distribuído essencialmente em edifícios comerciais e condomínios. Originariamente impresso no formato *standard*, também mudou seu formato, hoje *berliner*, migração condizente com a perspectiva de jornais como o *Metro*, com conteúdo mais pragmático, alinhavado com a objetividade no jornalismo, transformação executada com o objetivo de ampliar o público leitor.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Fotografia, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Mestre em Comunicação e docente do curso de Comunicação Social da UEL – Universidade Estadual de Londrina. Email: lauriano.benazzi@gmail.com.



Mesmo com tamanha alteração de perfil, o bom jornalismo e uma equipe crítica estão presentes na redação, que não perdeu de vista a proposta crítica e combativa dos primórdios, parelho às matizes da informação e imparcialidade, fatores que se refletem em todo processo de construção da notícia. No entanto, a migração com um apelo mais *clean*, com grande ênfase para a participação do leitor e com formato alternativo, incidiu diretamente na produção fotojornalística, objeto principal desta análise. Com tais nuances, as duas faces distintas do jornal dão uma amostra das transformações pelas quais a imprensa tem passado nos últimos anos, servindo de parâmetro para colocar à prova os conceitos defendidos rumo à criação de uma taxonomia ou categorização por gêneros das fotografias publicadas nas páginas da imprensa brasileira.

Nesse confronto de pouco mais de 16 anos, o embate entre objetividade e subjetividade e entre homem e máquina se faz presente (QUEIROGA, 2010, p.3; FLUSSER, 2002; RUDIGER, 2006). As transformações no modo de produção do jornalismo, com o conceito *desktop publishing*, o advento da internet e posteriormente da fotografia digital, somado às novas logísticas e reengenharias de produção e distribuição afetaram sensivelmente o fazer jornalístico, cuja transferência de um processo mais artesanal, paradigma da “era analógica”, para as facilidades oriundas da cena pós-moderna, também coloca à prova o conteúdo e os conceitos que orbitam o jornalismo, expressões já abordadas pelo autor na discussão sobre os valores informativos, estéticos e técnicos da imagem fotojornalística (BENZAZZI, 2010b).

A análise vem para desvendar as cortinas e demonstrar algumas das mudanças na abordagem do formato e conteúdo do fotojornalismo, do aspecto informacional presente na década de 1990, para o artificialismo dos dias atuais, que tem de forma sutil porém contínua, levado ao desfalecer do flagrante fotojornalístico, com o deslocamento das imagens do campo informativo para o campo artístico, estas impregnadas com a estética plástica e artificial, ligada aos anseios e elementos da chamada sociedade do espetáculo.

Por que sistematizar os gêneros do fotojornalismo?

Os principais estudos de gêneros³ do jornalismo no país decorrem das décadas de 1970 e 1980, com destaque para as pesquisas de Luiz Beltrão (2006), José Marques de

³ A acepção de “gêneros” aqui utilizada refere-se às categorizações taxonômicas do jornalismo tal qual acontece com a literatura e suas diversas nuances, entre elas a prosa, poesia, romance, entre outros (BONNICI; ZOLIN, 2009), ou mesmo os gêneros cinematográficos tais como aventura, drama, romance, suspense, terror, comédia, ação, documentário, western, ficção e outros.



Melo (1985) (MELO; ASSIS, 2010) e Manuel Carlos Chaparro (2012), além, das pesquisas encadeadas por Cremilda Medina, Mário Erbolato, Nelson Traquina, Alberto Dines, Nilson Lage, que consolidaram a base teórica do jornalismo no Brasil. Nesse âmbito, o campo específico do fotojornalismo tem suas teorias dispersas em várias produções e ainda carecem de uma sistematização e/ou divisão, no espectro taxonômico, seja para fins didáticos ou na perspectiva científica e deontológica, seja voltado para as práticas e para o fazer diário.

O ideal de se estruturar os conceitos desenvolvidos por autores diversos surgiu das necessidades diagnosticadas em sala de aula, no ensino de graduação, em disciplinas ligadas ao fotojornalismo. Assim, as primeiras análises e estudos encadeados pelo autor datam do início da década de 2000. No período, com a escassez de teorias voltadas para o fotojornalismo, fez-se presente a necessidade de uma síntese que explicasse, de forma prática e objetiva e condizente com as as práticas profissionais, , quais as possibilidades, que o fotógrafo (ou estudante de fotografia) tem na hora de executar uma pauta fotojornalística. Partindo dos conceitos de fotografias “instantâneas X elaboradas” (RECUERO, 2000), mais a dualidade advinda do telejornalismo, com suas “pautas factuais X pautas produzidas” (BITTENCOURT, 1993; PATERNOSTRO, 2006), troçou-se o primeiro escopo para compreensão das práxis que envolvem a fotografia de imprensa.

Em paralelo, foram resgatados os conceitos desenvolvidos por Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro (1973) e foram desconstruídas as definições concatenadas por Jorge Pedro Sousa em diversas publicações (1997; 2000; 2004). Surgia então a base, a primeira estrutura de proposta taxonômica, originando o projeto que se converteu na dissertação *Fotojornalismo: taxonomias e categorização de imagens jornalísticas* (BENZAZZI, 2010a). Com as nuances pós-modernas, ligadas tanto à explicações do atual fotojornalismo pelo viés da fenomenologia, quanto às teorias que explicam a sociedade do espetáculo (SILVA, 2007), somaram-se os conceitos de Persichetti (2006), Buitoni (2006; 2007) e principalmente de Pepe Baeza (2001), perfazendo o eixo analítico que divide as imagens produzidas pelo fotojornalismo em informativas e ilustrativas.

Para se chegar à primeira síntese taxonômica, que aglutinou os elementos citados e direcionou uma nova proposta, dividida em 7 gêneros e 21 sub-gêneros⁴ (Tabela 1),

⁴ Para melhor compreensão dos segmentos propostos, é válida a consulta ao subcapítulo 6.4 da dissertação referenciada (BENZAZZI, 2010, p. 69-87).

partiu-se da extratificação, com recorte estatístico, de um ano de imagens produzidas pela *Agência Estado*, publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Tabela 1 – Proposta de novos gêneros do fotojornalismo defendidos na dissertação *Fotojornalismo: taxonomias e categorização de fotos jornalísticas*, de 2010.

Categoria	Subdivisões
Retrato	Pose
	Entrevista
	Enquete
	Flagrante Consentido
	Registro
	Social
Fotoprodução	Pose Ambientada
	Spot Ambientado
Notícias Gerais	Flagrantes (<i>Spot-news</i>)
	Spot Descritivo
	Spot Ilustrativo
	Pseudoacontecimento
	Registro
Artes e Espetáculos	Still (cênica)
	Spot (flagrante)
	Pose
	Bastidores (<i>feature</i>)
Esportes e Ação	Spot-news
	Bastidores (<i>feature</i>)
Feature	
Detalhe	

Autor: Lauriano Benazzi (2010, p.69).

A partir da primeira estratificação, a metodologia desenvolvida apontou para os trabalhos *A morte do instante decisivo na era do hiperespetáculo*⁵ e *Features, candid e spots: o momento de ouro da fotografia de imprensa e a contraposição com as fotoproduções e com a ausência do instante decisivo no fotojornalismo contemporâneo*⁶. O primeiro trabalho também fora sob o círculo das produções do *Estadão*. Já o último, contou com a análise de fotografias do jornal *Folha de Londrina*, colocando dessa maneira a metodologia à prova, como ferramenta de análise de um produto jornalístico de tangência local.

Nessa nova etapa, o objetivo é outro passo nesse amplo trabalho, de estratificações densas e detalhadas, para se chegar às parâmetros que culminarão com uma ferramenta analítica útil para pesquisadores não apenas do jornalismo e não apenas na área de análise das imagens publicadas pela imprensa, mas pesquisadores de outras áreas como as ciências sociais, linguística e história, bem como dentro do jornalismo

⁵ Artigo ainda inédito apresentado como trabalho de conclusão à disciplina *Imagem e Cultura Midiática*, ministrada pelo Prof. Dr. Alberto Klein, no Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.

⁶ Apresentação oral realizada pelo autor no *III Eneimagem, Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, realizado na Universidade Estadual de Londrina em 2011.



nas análises em que são relacionados texto e imagem, envolvendo sua história e evolução, linguagens, gêneros, conteúdo e práxis, entre outros elementos ou caminhos teóricos. Com isso, o limiar aqui traçado atuará em frentes, que são a de revisar e atualizar as taxonomias já esboçadas, vertendo-se numa sintetização dos propostos em 2010, bem como aferir o deslocamento das imagens do plano informativo para o ilustrativo ocorrido nas últimas décadas do fotojornalismo brasileiro.

Breve histórico e contexto do Jornal de Londrina: 1994 e 2011

O *Jornal de Londrina*, um dos dois veículos impressos diários que se destacam na cidade de Londrina, norte do Paraná, passou por inúmeras transformações ao longo de seus 23 anos. Criado em 1988 por um grupo de jornalistas e empresários que estruturou o controle acionário do veículo em cotas, estas expandidas para os funcionários que auxiliaram no desenvolvimento e implantação do projeto, o *JL* veio para fazer frente, no âmbito municipal, à *Folha de Londrina*, então um jornal que se destacava nacionalmente. Em paralelo, o cenário político local era de divisão, uma vez que o prefeito recém eleito, Antonio Belinati⁷, vencera as eleições por margem de pouco mais de 800 votos. Com estas variáveis e com a combativa proposta de isenção e imparcialidade, surgia o *Jornal de Londrina* (PAIVA, 1994), cuja fórmula era de ser um jornal cobrador do poder público.

Nos anos 2000 foi comprado pela *Rede Paranaense de Comunicação (RPC)*, atualmente *Grupo Rede Paranaense de Comunicação (GRPCOM)*, proprietário da *Gazeta do Povo* (BENZAZZI, 2000), principal jornal do Paraná e dono das emissoras de televisão afiliadas da *Rede Globo* no estado. O *upgrade* financeiro gerou sua estruturação em cadernos e passou a ser impresso em cores, com estrutura similar aos principais jornais do país, sendo um “mini-clone” da estrutura impetrada pela *Folha de S. Paulo* no final da década de 1980 (SILVA, 1992). Outra mudança de impacto veio em 2005, quando o jornal passou por nova revolução, convertendo-se para o formato *berliner*, reduzindo o número de páginas e editorias e migrando para a circulação

⁷ Antonio Belinati foi prefeito de Londrina pela primeira vez de 1976 a 1982. Na eleição de 1988 ganhou por pouco mais de 800 votos numa cidade que já contava com mais de 500 mil habitantes, gerando um cenário de divisão política entre “belinatistas” e “anti-Belinati”. Em 1996 foi eleito para o terceiro mandato, mas devido à improbidade administrativa, uso indevido do dinheiro público e dezenas de irregularidades administrativas, teve o mandato cassado. Em 2008, após a “alforria” cívica com a expiração do período de inelegibilidade, concorreu mais uma vez e ficou em primeiro no segundo turno das eleições. Devido aos processos que ainda responde e à irregularidades na candidatura, a eleição foi impugnada, submetendo os eleitores de Londrina a um terceiro turno eleitoral.

gratuita e dirigida. Auditado pelo IVC⁸, a atual fórmula do veículo o coloca como líder em circulação na cidade de Londrina, outro fator que reforça sua aplicabilidade no desenvolvimento da taxonomia proposta.

Assim, diante das nuances intrínsecas aos primeiros anos do veículo e ao cenário presente, optou-se por um duplo recorte: edições de 1994 e de 2011. Com uso do arquivo pessoal do autor, foram aleatoriamente determinadas as edições números 1.533, 1.534 e 1.535 do jornal, dos dias 23, 24 e 25 de agosto de 1994, respectivamente terça-feira, quarta-feira e quinta-feira. Com um salto de 16 anos e 9 meses, chegou-se às edições de números 6.838, 6.839 e 6.840, dos dias 24, 25 e 26 de maio de 2011, mesmos dias da semana das edições iniciais (Figura 1).

Figura 1 – *Fac-símile* das edições do *Jornal de Londrina* utilizadas.



Fonte: *Jornal de Londrina*

O recorte proposto, com a escolha de três dias de cada período, atende às necessidades do trabalho, que é de amostragem, não necessitando um grande volume de

⁸ Instituto Verificador de Circulação.



edições e fotografias para análise e conclusão. Algumas regras metodológicas foram impostas, vertendo em maior objetividade e praticidade para estratificação do material. Conforme exposto, as fotografias de capa se uniram às demais, não configurando uma categoria específica, exclusiva. Já as imagens presentes na coluna social do jornal foram excetuadas da análise, devido às características de divulgação ou terceirização fotográfica, bem como pela estética específica, que deverão ser trabalhada à parte, em análise específica (outro artigo) que envolve a linguagem e a evolução da estética fotográfica do jornalismo. Outras seções contemporâneas, presentes nas edições de 2011, tais como *Foto do Leitor* (flagrantes enviados pelo público) e *Adoção* (fotografias de cães e gatos perdidos, também enviadas pelos leitores), cujas produções fotográficas condizem com o jornalismo cidadão e também com a proximidade que o jornal quer ter com o seu não mais apenas espectador. Como o objetivo é a análise da produção local, as fotografias procedentes de agências de notícia, de divulgação ou de arquivo pessoal dos leitores, também foram excluídas da análise.

Em relação às imagens de arquivo, pelo fato das fotos internas das edições de 1994 não trazerem o crédito de seus autores, tais imagens foram mantidas no pacote analítico. Em 2011, todas as fotografias possuem crédito, sendo que apenas uma trouxe a referência de que era de arquivo do veículo. Por fim, nas edições recentes, a seção *Você conhece este lugar?* foi mantida pois vai de encontro às características das “Features”. Outro adendo é que para se chegar à categorização e destinar uma foto “xis” em determinado grupo, também foram analisados os textos, para compreensão mínima do contexto em que as imagens foram registradas.

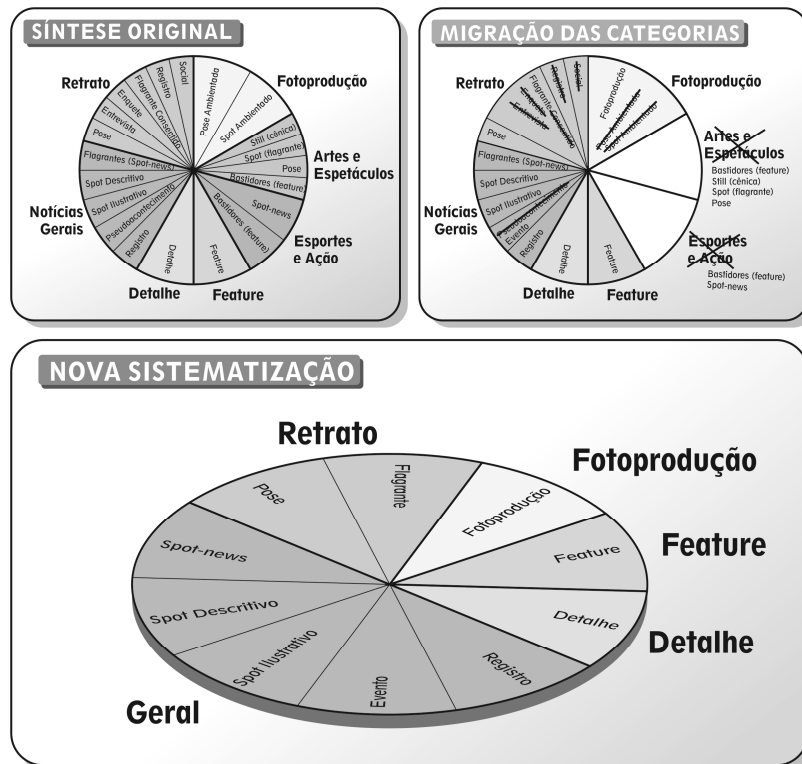
Uma releitura da proposta taxonômica de 2010

Passados mais de três anos desde a conceituação inicial, o amadurecimento propiciado pelo espaço-tempo e tendo como elemento norteador dessa releitura o comparativo entre duas fases do fotojornalismo do *Jornal de Londrina*, o direcionamento dado é pela aglutinação de alguns dos propostos iniciais. Com isso, a análise das imagens das duas fases de um veículo diário local, permitiu a dissecação do modelo taxonômico criado em 2010, que foi primeira versão, ainda crua, desta codificação que tenta desvendar as possibilidades e nuances que envolvem o fotojornalismo brasileiro.

Tais transformações analíticas e necessidade de fortalecimento da teoria condizem com o pensar de Cicília Peruzzo, no prefácio de *Gêneros Opinativos Brasileiros*, em que aponta a transcendência dos gêneros e sua mutação através do tempo, uma vez que estes “se baseiam em estudos empíricos sobre realidades sempre em transformação” (PERUZZO, 2010). Decorrente desse hibridismo, os trabalhos de análise necessitam de constante revisão e complementação para entendimento dos adventos e fenômenos comunicacionais. Portanto, “interpretar os mecanismos estruturantes e segmentos de mensagens é útil tanto aos receptores quanto aos produtores e idealizadores dos meios de comunicação” (PERUZZO, 2010).

Com tal flamar, a necessidade primordial e revisional que de imediato vem à tona é de uma reflexão sobre a terminologia inicialmente empregada. Assim, o primeiro passo para o comparativo entre os registros fotográficos de ontem e de hoje do *Jornal de Londrina* é a nova sistematização da grade taxonômica, cujas transformações, mutações, aglutinações e associação com outras teorias, ou mesmo deslocamento dos elementos previamente propostos de um campo ou gênero para outro, associada à análise específica das duas fases do veículo, revelaram uma sintetização específica para este trabalho (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Migração das categorias taxonômicas propostas em 2010 para nova sistematização



Autor: Lauriano Benazzi



Nesta evolução da proposta inicial, as categorias “Entrevista”, “Enquete” e “Flagrante Consentido” da proposta original de 2010 foram reunidas em “Retrato – Flagrante”. Por sua vez, sendo elemento presente desde os primórdios do jornalismo, a categoria “Pose” se mantém. Por delimitação teórica, a categoria “Retrato – Social” não foi utilizada neste trabalho, o mesmo valendo para as subcategorias de “Artes e Espetáculos” e de “Esportes e Ação”, estas deslocadas para os demais gêneros.

Em outras mutações, o termo “Notícias Gerais”, advindo das *general news* do fotojornalismo norte-americano (SOUSA, 1997) foi simplificado para “Geral”, alusão às editoriais-chave do *hard-news* diário que traz o conjunto política, economia, cidades e/ou cotidiano, que é uma característica do ontem e do hoje do jornal analisado. Dentro desta categoria estão essencialmente as fotografias que se voltam para a informação e complemento da notícia, mesmo as que tem mais força ilustrativa, recebendo, portando, o rótulo ou prefixo “Spot”⁹.

Neste novo *test-drive*, pelo qual o trabalho passará, “Pseudoacontecimento” virou parênteses do rótulo “Eventos”. Já a categoria “Registro” não sofreu alterações. O mesmo exemplo seguem as “Feature”, com a ressalva que se tratam exclusivamente de fotos com cunho humanístico, poético ou estético/artístico. O mesmo vale para os “Detalhes”, estes complementos de todas as outras propostas, sendo nela enquadradas as fotografias que mais têm força sintagmática ou metonímica. Tanto para as “Feature” como para as “Spot”, optou-se por manter a nomenclatura em inglês devido a dificuldade para definição de termos similares em português. A descrição detalhada de cada um desses atores que perfazem aqui adotada foi sistematizada na Tabela 2.

Análise das imagens

A etapa seguinte do processo que visa responder à afirmativa enunciada no título deste trabalho, foi a organização quantitativa do material levantado durante a pesquisa, o que resultou num quadro analítico que compara, numericamente, os dois período (Tabela 3). O diagnóstico inicial que se tem é da drástica diminuição do número de imagens nas páginas do veículo, de um período para o outro. Em 1994 o *JL* circulava com apenas 12 páginas diárias e tinha uma média de 28 fotografias por edição,

⁹ Por configurarem rótulos presentes na análise e, conseqüentemente gêneros, as expressões estrangeiras “spot” e “features” não serão grafadas em itálico.



representando mais de duas por página. Em 2011, o número de páginas aumenta para 28, mas média de fotografia cai para pouco mais de uma por página. O argumento de que o formato do jornal diminuiu, de *standard* para *berliner*, aqui não aplica pois há uma proporcionalidade, em termos de diagramação, entre largura das fotos em colunas e medida gráfica do jornal.

Tabela 2 – Descrição das categorias taxonômicas que resultaram da nova análise

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
RETRATO – POSE	Fotografia de personagens ¹⁰ em que estes posam explicitamente para o fotógrafo, olhando fixamente para a objetiva, como se fosse uma fotografia de estúdio ou as tradicionais fotos de álbuns de família. Distintamente da “Fotoprodução”, traz apenas o personagem, com o fundo ou ambiente não tendo relevância para o enquadramento ou recorte fotográfico proposto.
RETRATO – FLAGRANTE	Fotografia de personagens oriundas de entrevistas individuais ou coletivas, enquetes e pseudoacontecimentos em que os personagens sabem que estão sendo fotografado mas não posam para o fotógrafo. As imagens desta categoria carregam nuances do instante decisivo e do <i>spot</i> ¹¹ fotojornalístico.
FOTOPRODUÇÃO	Fotografias explicitamente produzidas, trazendo os personagens no ambiente (ou cenário) relatado na notícia ou reportagem. Podem ser posadas ou produzidas passando a alusão de flagrantes.
SPOT-NEWS	Flagrantes que trazem a essência do fotojornalismo, convencionalmente publicadas em pautas de interesse público nas editorias de cidades, país e internacional. De maior grau de dificuldade para o fotógrafo, estão presentes em manifestações, protestos, cenas esportivas (<i>spots esportivos</i>) e flagrantes que requerem que o fotógrafo esteja no lugar certo, na hora certa.
SPOT DESCRITIVA	Fotografias que registram locais ou situações relativas à matéria ou reportagem. Por não trazerem as nuances do instante decisivo e do “ <i>Spot News</i> ”, são meramente descritivas. No entanto, têm força informativa pois são necessárias para compreensão e/ou complementação da notícia e da informação textual. Exemplos são a fotografia da fachada de um prédio onde ocorreu algum incidente como assassinato ou sequestro ou uma obra pública que está parada. Em geral trazem legenda que descreve a situação retratada.
SPOT ILUSTRATIVA	Similar às “Descritivas”, servem mais como artifício gráfico, ilustrando a página do jornal e a reportagem, do que acrescentando informações importantes. Exemplos são pautas de economia, sobre a bolsa de valores, ou sobre habitação, em que são utilizadas imagens “frias” de corretores da bolsa ou de um conjunto de casas populares.
EVENTO (pseudoacontecimento)	Fotografias captadas em eventos previsíveis, como debates, simpósios, exposições de projetos e relatórios de interesse público, sessões do legislativo, entrevistas coletivas previamente agendadas, inaugurações, entre outros. Tem como característica a possibilidade do fotógrafo se situar estrategicamente e, similarmente às “arenas” em que acontecem exposições artísticas como teatro e shows musicais ou eventos esportivos, permitem que o profissional tenha maior controle da situação, diferentemente das “Spot News” em que o as variáveis são pouco controláveis. Mesmo assim, carregam trejeitos da instantaneidade e requerem olhar apurado do fotojornalista para que se saia da mesmice estética. Com personagens em quadro fechado transitam próximas das “Retrato – Flagrante”.
REGISTRO	Fotografias realizadas após a ocorrência dos fatos, sendo mero registro noticioso, como acidentes, incêndios ou em decorrência de fenômenos naturais como tempestade ou geada.
FEATURE	Fotografias de cunho humanístico, poético ou artístico/estético. Costumam se apresentar em seções específicas, com “bonitinhos” flagrantes do cotidiano. Carregam tanto elementos de grande força estética, quanto à poética do instante decisivo.
DETALHE	Complementares a fotos principais, podem estar ligadas à todas as categorias propostas. Trazem detalhes úteis para elucidação dos fatos narrados na reportagem, como as peças indígenas descobertas em um sítio arqueológico ou a bala perdida que perfurou a vidraça de uma casa. Em reportagens de serviço, como moda ou veículos, demonstram detalhes dos acessórios. Conforme a linguagem editorial do veículo também podem ser fotos principais, atuando com grande força sintagmática ou mesmo com elementos como a metonímia, mostrando o todo apenas por uma pequena parte.

Autor: Lauriano Benazzi

¹⁰ O trabalho utiliza a expressão “personagem” para se referir ao entrevistado principal da matéria ou reportagem. A sintaxe utilizada está no singular, mas as fotografias também podem trazer mais de uma pessoa (personagens) como foco da matéria ou reportagem.

¹¹ Por *spot* definimos o “clíc” instantâneo, rápido, ágil, que requer maior habilidade e conhecimento técnico e estético do fotógrafo. As *spot-news*, nomenclatura advinda da *National Press Photographers Association*, dos Estados Unidos (SOUSA, 1997), também utilizada no *World Press Photo*, principal prêmio do fotojornalismo mundial, são as mais “cruas” entre todas do fotojornalismo pois são essencialmente informativas e denotativas e preservam a essência do instante decisivo apregoado por Cartier-Bresson (2008).

Tabela 3 – Indicadores da produção fotojornalística do *Jornal de Londrina*: 1994 e 2011.

JORNAL DE LONDRINA FOTOGRAFIAS ANALISADAS	Edições de 1994			Edições de 2011			
	23/08	24/08	25/08	24/05	25/05	26/05	
PÁGINAS	12	12	12	28	28	28	
Conteúdo editorial geral*	6	6	6	12	12	10	
Anúncios de página/classificados	2	2	2	8	8	11	
Seções fixas**	4	4	4	8	8	7	
Número de pautas locais com fotografias	28	29	28	4	7	4	
TOTAL DE FOTOGRAFIAS	28	29	28	35	40	22	
Fotografias das pautas locais	15	15	19	10	8	5	
Fotografias das seções não analisadas	7	8	3	15	20	9	
Fotografias de agências/outros	6	6	6	10	12	8	
FOTOGRAFIAS DAS PAUTAS LOCAIS	15	15	19	10	8	5	Total
Retrato – Pose	–	–	1	–	1	–	1
Retrato – Flagrante	4	6	5	3	1	1	5
Fotoprodução	2	1	2	2	–	–	2
Spot News	2	1	3	1	1	2	4
Spot Descritivo	2	3	3	2	1	–	3
Spot Ilustrativo	3	2	2	–	3	1	4
Evento (pseudoacontecimento)	1	1	2	–	–	–	–
Registro	1	–	–	–	–	–	–
Feature	–	–	–	2	–	–	2
Detalhe	–	1	1	–	1	1	2

* Política, Economia, Pais, Mundo, Esporte e Cultura/Variiedades. ** Capa, opinião, indicadores, social, serviço etc.

Autor: Lauriano Benazzi

Já no âmbito específico da produção local, a distância entre a quantidade produtiva dos dois períodos é ainda maior. Em 1994, o número de fotografias oriundas de pautas focadas na cidade de Londrina oscilava acima de 15 fotos por edição. Em 2011, o número cai para menos de oito, ou seja, índice cerca de 50% abaixo do primeiro período. No confronto “número total de fotografias” X “fotografias de pautas locais”, o que “sustenta” o alto volume das edições mais recentes são as fotografias voltadas para a coluna social, na tabela acima estratificadas como “fotografias de seções não analisadas”.

No conceito taxonômico, com as 10 subdivisões aqui propostas, o apontamento visual é de que em 1994 a produção atingia todos os gêneros propostos, exceção das “Features”, cujo valor foi nulo. Na aferição dos dados de 2011, não existem fotografias nos campos dos “Eventos”, nem dos “Registros”. Para um panorama mais objetivo das duas realidades, foram criados dois quadros com algumas das imagens que se destacam nos dois períodos (Figura 2 e Figura 3). Com o comparativo entre os dados da Tabela 3, tendo como pano de fundo as imagens selecionadas expostas nas Figuras 2 e 3, as conclusões acerca das transformações e do deslocar dos momentos imagéticos nos cenários 1994 e 2011 são múltiplas, apontando para maior ênfase “flagrante” nas imagens captadas na primeira das fases analisadas. Para efeitos de sistematização e



facilitar a interpretação, sobretudo no cruzar da origem taxonômica com a proposta sintetizada para esta reflexão (Tabela 2), os pontos-chave foram organizados em tópicos na Tabela 4.










O que é percebido nas fotografias produzidas nos anos 1990 quando comparadas com o atual cenário é que havia um distanciamento maior do fotógrafo em relação à notícia e ao fotografado, mantendo a isenção e a “invisibilidade” do profissional da imprensa. Hoje esta presença é muito próxima, com atenuantes que apontam para elementos “manipulatórios” que ultrapassam a esfera da intencionalidade. Tais elementos não são totalmente da alçada dos fotógrafos, mas do conjunto, da produção da notícia e das práticas adotadas no dia-a-dia, seja com a o sobrepujar da técnica como elemento norteador das ações do homem (FLUSSER, 2002; RÜDIGGER, 2006), nessa pós-modernidade em que há um achatamento do *ser* em nome da beleza visual com objetivos mercadológicos.

Tabela 4 – Comparativo entre as duas fases analisadas dor *Jornal de Londrina*

CATEGORIA	COMPARATIVO 1994-2011
RETRATO – POSE	Fortemente presentes nas fotografias de <i>O Estado de S. Paulo</i> (vide análise de 2010), aqui aparecem apenas uma foto em cada período, média de 0,33 fotos por edição. Seja pela estética ou valor informativo, as fotografias dos dois períodos se assemelham;
RETRATO – FLAGRANTE	Com três vezes mais imagens, as edições de 1994 buscavam a exposição dos personagens, talvez com cunho mais humanístico e mais próximo do leitor que na proposta dos dias atuais. Já nos aspectos técnicos e estéticos não há diferenciação entre as duas instâncias;
FOTOPRODUÇÃO	Com poses ambientadas, nas duas situações (1994 e 2011), o que se percebe, criticamente, é um grau menor de interferência do fotógrafo nas cenas da primeira fase do jornal;
SPOT-NEWS	Com números próximos nos dois parâmetros, as fotografias de 1994 são de pautas ligadas a assuntos cotidianos, sendo que a representatividade das spots de 2011 concentram-se nos spots esportivos. Assim, é possível afirmar que as imagens de 1994 se aproximam mais do instante decisivo que as fotografias do contexto atual;
SPOT DESCRITIVA	Configurando o grupo cuja análise e alocação de fotografias é das mais difíceis, pelo fato de proximidade com imagens posadas ou mesmo produzidas, tem características similares nos dois recortes;
SPOT ILUSTRATIVA	Ponto fraco das fotografias de 1994, em que muitas imagens são meras ilustrações, sem o elemento humano. Já na sequência de 2011, são as imagens mais utilizadas, convertendo fotografias jornalísticas em meras ilustrações que reforçam o visual pós-moderno das publicações;
EVENTO (pseudoacontecimento)	Categoria que no recorte de 2011 não tem nenhuma aparição, ao passo que insufla as páginas de 1994. Um indicativo é que na estética da época, rica em fotografias de personagens, os registros dos pseudoacontecimentos eram rotina comum. Tal fator pode ser expandido, quando analisado em contraste com outras publicações do período.
REGISTRO	Com parâmetros similar aos “Eventos”, não possui nenhuma ocorrência em 2011. Já em 1994 tem uma aparição, similar às imagens detectadas na análise preliminar, já mencionada oriunda de <i>O Estado de S. Paulo</i> ;
FEATURE	Ausente em 1994, tem seção específica nas páginas de 2011, levando poética às páginas do veículo e aproximando o leitor;
DETALHE	Com ênfases similares, aparecem nos dois recortes.

Autor: Lauriano Benazzi

Figura 2 – Seleção das imagens de 1994 que representam algumas das categorias sintetizadas

 <p>O professor Ivan Kerber e as atletas Jomara, Juliana e Claudete</p>	 <p>Lindete de Azevedo Maranhão a vitória já no primeiro turno, segundo o popular</p>	 <p>Orangji: "O vídeo-assete é um dos mais procurados"</p>
RETRATO – POSE 25/08/1994	RETRATO – FLAGRANTE 23/08/1994	FOTOPRODUÇÃO 23/08/1994
 <p>Famílias da favela Nova Comarca vivem casos de fome nas proximidades do Vale do Ipiranga</p>	 <p>Migrantes arrastam o "pingaço" por cima do Riozinho Tupyba</p>	 <p>Os mesmos 18 homens que trabalharam na implantação da ramada de areia estão desfrutando o trabalho</p>
SPOT NEWS 23/08/1994	SPOT NEWS 24/08/1994	SPOT NEWS 25/08/1994
 <p>Soldados do Corpo de Bombeiros usaram mais de 18 mil litros de água para controlar a enchida</p>	 <p>O Boeing 737, da Força Aérea Brasileira, permaneceu no Aeroporto de Londrina por apenas 45 minutos</p>	 <p>Conforme levantamento do perito, moradores do Laranjeiro pagam muito mais do que devem</p>
SPOT NEWS 25/08/1994	SPOT DESCRITIVO 24/08/1994	SPOT ILUSTRATIVO 23/08/1994
 <p>Lemos e Sanches organizaram programa de governo sobre diversos assuntos</p>	 <p>Uma Toyota Corolla foi encontrada com a suspensão quebrada que a tirou do asfalto do mais próximo</p>	 <p>O Paraná quer</p>
EVENTO (PSEUDOACONTECIMENTO) 25/08/1994	REGISTRO 23/08/1994	DETALHE 24/08/1994

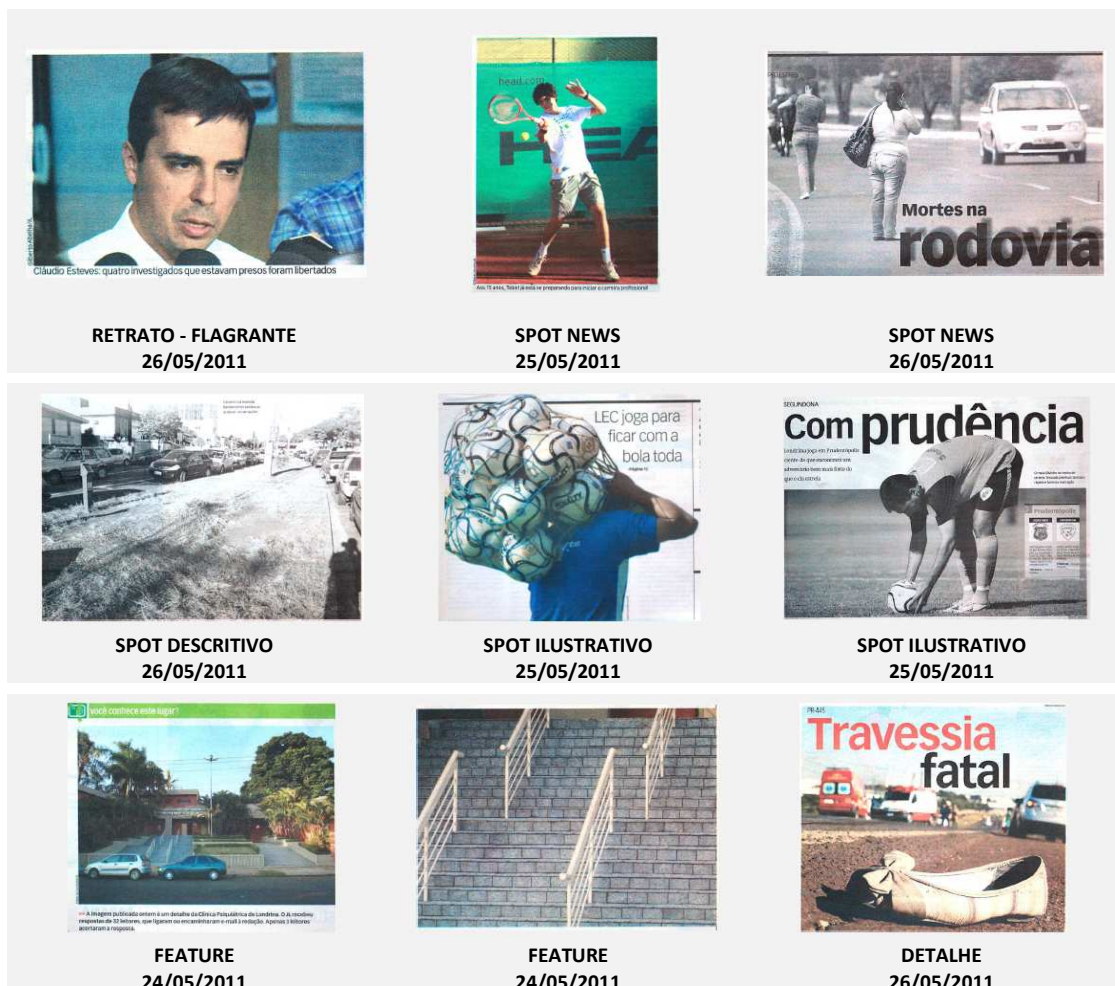
Autor: Lauriano Benazzi
Fotografias: *Jornal de Londrina*

Assim, algumas das considerações aferidas pelo trabalho são que alguns dos elementos presentes no fotojornalismo dos dias de hoje, tais como “retratos ambientados”, “fotoproduções”, “retratos registro” e “spot ambientado”, diagnosticados no primeiro enquadramento taxonômico não têm aparição frequente ou não foram detectados nessa panorâmica dissecação comparativa. Na análise das imagens de 1994, as “Poses Ambientadas”, outro conceito da primeira versão taxonômica, trazem a nuance das “fotos de mãozinha”, jargão utilizado nas redações, em que o personagem



aponta por algum objeto, placa, cenário ou situação, enquadramento hoje considerado obsoleto pelos editores de fotografia.

Figura 3 – Seleção das imagens de 2011 que representam algumas das categorias sintetizadas



Autor: Lauriano Benazzi
Fotografias: *Jornal de Londrina*

Considerações finais

Nessa nova maratona analítica, outro diagnóstico em direção à construção de uma nova taxonomia do fotojornalismo, as categorias e pressupostos pensados se mantêm e carregam contingente teórico necessário para estudo dos modelos adotados pelos veículos impressos. Passado e presente de um veículo que traz em si a identidade do público leitor foram confrontados, não com o objetivo de ressuscitar os velhos valores ou criticar as práticas dos dias de hoje, mas sim de colocar uma interrogação diante dos agentes ativos desse fazer comunicacional que é o fotojornalismo.



Este estudo não é conclusivo, mas um panorama das duas fases, permitindo que o desdobrar analítico rume para a almejada isonomia classificatória. Os hiatos encontrados necessitam de constantes revisões e são eles que apontam as nuances de tempos específicos e paradigmas que envolvem a profissão. É através da codificação e do enlace de quesitos teóricos que se chega às reflexões que englobam os *mass media* bem como as práticas profissionais que envolvem a comunicação social, em especial o jornalismo. Pela amplitude da proposta, novos estudos serão construídos, lapidando os preceitos e tirando da latência as hipóteses necessárias à sedimentação do fotojornalismo enquanto gênero.

Referências bibliográficas

BAEZA, Pepe. **Por uma función crítica de la fotografía de prensa**. FotoGGrafia. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do Jornalismo**. Adamantina, São Bernardo do Campo: FAI, Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.

BENAZZI, Lauriano. **Fotojornalismo: análise comparativa da produção local dos jornais Folha de Londrina e Jornal de Londrina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Comunicação, Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2000.

_____. **Fotojornalismo: taxonomias e categorização de imagens jornalísticas**. Londrina: UEL, 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Disponível em <http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/Lauriano_Benazzi.pdf>, acesso em 21.ago.2011.

_____. **Informação, técnica e estética: os valores da imagem jornalística**. Texto apresentado no núcleo de fotografia no **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul - RS, 2 a 6 de setembro de 2010.

BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Índice ou catálogo: o deslizamento imagético das fotos da revista Veja. Líbero**. São Paulo, ano IX, n. 18, p.41-48, dez/2006.

_____. **Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real. Líbero**. São Paulo, ano X, n. 20, p.103-111, dez/2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Desmistificando o velho paradigma: jornalismo não se divide em opinião e informação**. In: O Xis da Questão – Blog do Prof. Chaparro – Mídia, Jornalismo e Atualidade. Disponível em <<http://www.oxisdaquestao.com.br>>, acesso em: 26.mar.2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.



MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo**. São Paulo: Média, 1973.

MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

PAIVA, Rosinaldo Roberto. **A Fórmula Jornal de Londrina**. Londrina, UEL, 1994. Trabalho de Conclusão de Curso.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PERSICHETTI, Simonetta. A encruzilhada do fotojornalismo. **Discursos Fotográficos**. Londrina, v.2, n.2, p.179-190, 2006.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling. Prefácio. MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

QUEIROGA, Eduardo. Fotografia: da ausência do sujeito coletivo contemporâneo. Texto apresentado no núcleo de fotografia no **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul - RS, 2 a 6 de setembro de 2010.

RECUERO, Carlos Leonardo. Fotojornalismo: a história, a prática e a técnica. **Revista Atlas** – Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Pelotas. Disponível em: <<http://atlas.ucpel.tche.br/~crecuero/artigos/artigo5.htm>>. Acesso em 13 out 2000.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Lins e. **O Adiantado da hora**. São Paulo: Summus, 1992.

SILVA, Juremir Machado da. **Depois do Espetáculo** (reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord). Texto apresentado no GT Comunicação e Cultura na XVI Compós, Curitiba, 2007. Disponível em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_182.pdf> Acesso em 10 set. 08

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. **Fotojornalismo performativo: o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação**. (1997). Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 11 mar 2005.

_____. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.